

RITA LEE

ANA MARIA BAHIANA

No nosso primeiro encontro, a rainha do rock brasileiro estava magérrima, pálida e agitada, brincando com um sagui recém-adquirido num dos cruzamentos do Rio.

— Mas olha como ele está assustado... tudo bem, neguinho... vem cá...

O segundo encontro não aconteceu: Rita Lee tinha desmaiado antes de entrar no palco, em Niterói. Estafa, anemia, subalimentação. O terceiro encontro foi nos bastidores do festival de Saquarema: ainda abatida, um pouco de cor no rosto, curtindo uma superalimentação para agüentar o espetáculo que queria fazer a qualquer custo. O show foi bonito: Rita segura de si, dançando pelo palco no meio de lanterna-joules, fogos de artifícios, fumaça e confete, uma festa para a alegria de seus eternos apaixonados que gritavam declarações de amor.

— Mas eu estava péssima naquela noite. Na segunda música já estava sem fôlego, parecia que eu ia desmamar a qualquer momento. Eu só pensava, poxa, aqui não, agora não... Esqueci uma porção de músicas, troquei as letras...

Agora Rita está coradinha, tomando vitaminas, pão, manteiga e geléia de acordo com as prescrições médicas e o olhar vigilante da supergovernanta-empresária Monica Lisboa.

— Eu não ligava muito pra comida, não. Achava que tinha coisa melhor pra fazer, e tal... Mas aí eu descobri que para fazer o que mais me dava prazer, que é cantar, eu precisava comer, me cuidar, daí...

Monica ri:

— Mas essa é a coisa mais importante que você disse nos últimos tempos, Rita. Nunca pensei que ia ouvir você dizer isso.

Quanto a mim eu queria saber, basicamente, o que pensava a garota que, de acessório visual dos Mutantes, passou a campeã de vendas num território musical quase imaginário, no Brasil: esse tal de roqueenrow, como diz a letra de uma de suas músicas. Porque Rita, figura esgula e aparentemente frágil de Capricórnio, encarna várias improbabilidades: é mulher, compõe, toca, canta (só isso já seria uma raridade), faz exclusivamente rock e vende 120 mil discos, enche estádios de cinco mil lugares, excursiona pelo Brasil com sua banda, o Tutti Frutti, anunciando que é "a ovelha negra da família" e que seu "departamento é de criação", ao som de sintetizadores, guitarras, milhares de watts e decibéis. Rainha do rock brasileiro, sem dúvida. Mas será que isso existe?

— Sabe, eu sou uma pessoa muito sozinha. Eu acho que todo mundo o é. Então, a minha maneira de compensar essa solidão sempre foi a música. A música me punha em contato com as pessoas. A música me fazia companhia. E eu não tenho jeito pra tocar um violão num banquinho. Não é do meu temperamento. Eu gosto de muito som, de barulho. Então foi isso que sempre me fascinou no rock: a tecnologia, a aparelhagem. Rock é fundamentalmente isso, e é disso que eu gosto. Em vez de dizer minhas coisas só com uma vozinha, um violãozinho, eu quero é pôr um sintetizador, uma guitarra, dizer o que eu sinto num microfone que vai levar minha voz a cinco mil pessoas, através daquelas caixas enormes... E dançar, é fazer um gesto louco... assim... no palco.

— É por isso que eu faço rock. É isso que o rock é, pra mim. Ele é, pra mim, um sinônimo de liberdade. É a liberdade de se fazer o que quiser, como se quiser. Por isso eu danço no palco, porque as pessoas estão por aí, tristes, reprimidas, andando assim, de cabeça baixa. O rock me dá prazer, que é tudo o que eu quero, sabe? Na verdade é tudo o que todo mundo quer, no fundo. Eu, no fundo, sou só prazer, o que não é muito profundo. Um violão pode me dar prazer, mas as guitarras, aquela aparelhagem toda, aquele sonzão me dão muito mais.

Você sabe que é a primeira pessoa a dar totalmente certo, no Brasil, fazendo rock? Por que será?

— Eu sei, sim. Estou consciente disso, do lugar que eu ocupo. Acho que é justamente por isso, porque eu sei, eu tenho consciência disso. Eu me preocupo muito em dizer coisas. Eu procuro sempre dizer coisas que tenham a ver com o público, eu penso sempre no público. Isso conta muito a meu favor. O fato de eu ter descoberto um jeito de pôr palavras, em português, dentro do rock, certinho. Porque em inglês é tão fácil, não é? Tão natural... Mas eu estou muito consciente para o fato de que eu sou daqui, nasci em São Paulo, vivo no Brasil, agora. Então eu tenho de falar disso, da minha verdade como brasileira. Eu me tomo sempre como medida. No começo ainda hesitei um pouco, tinha gente que me criticava, dizendo que eu era infantil, que tinha de assumir, umas palavras estranhas... Mas aí joguei tudo pro alto. Decidi me atirar inteira nas coisas que eu estava escrevendo. Pensei, poxa, é isso que o público está querendo saber. Ele quer me ver pra saber o que eu penso sobre as coisas que ele também sente, quer saber como eu sou, como eu sinto... É isso que eu dou a eles. O público sabe que atrás daquelas letras tem eu, tem minha família, tem meus amigos, meu namorado... O público sabe que é tudo verdade. Por isso eu fico à vontade no palco. Porque tudo o que eu faço e digo é verdade. Até os gestos que eu faço são meus, mesmo, são meus jeitos de dançar, de dizer as coisas. Se é verdade, está tudo bem.

E qual seria o problema com os outros grupos de rock? (Porque Rita se considera parte integrante de um grupo, o Tutti Frutti).

— É uma porção de coisas. Conheço quase todos os músicos de rock que existem no Brasil. Quase todos são pessoas muito sensíveis, e músicos bons... Mas eles não têm consciência de nada. Eles acham tudo careta: trabalho é careta, dinheiro é careta. Ainda estão preocupados com essa coisa de careta, que não existe. Ah, isso eu não faço, isso eu não quero ouvir porque é careta... Já eu quero ouvir tudo. Se pintar um tango agora eu vou curtir e dançar, porque é uma boa, uma outra coisa.



“O rock não tem que ter mensagem. O rock é uma mensagem em si mesmo.”

— Mas a maioria desse pessoal não quer saber. Não quer se informar. Não lê um livro, não vai ao cinema, não se informa musicalmente. Só quer copiar o Yes, ou o Genesis. Não quer tirar alguma coisa de si, colocar isso na música. E não pensa no público. Acha que, porque subiu num palco, é uma estrela. Fica só curtindo o seu ego, tocando pra si, pensando: eu sou um gênio, eu sou o máximo. Um show de rock, geralmente, vira logo um incrível show de ego. E o público que se dane. Eles não pensam em letra, em dizer algo. Não, bicho, o negócio é o som... E tome ego.

— Também não pensam na estrutura da coisa, em se organizar. Rock é uma coisa que exige muito trabalho, muita disciplina, organização, grana. Eles acham tudo isso careta. Então, na hora H, vem pra cima dos outros: Ô, bicho, arruma um amplificador aí pra mim... Assim não dá. Cada grupo tinha que ter sua aparelhagem, seu técnico de som, seu empresário... Eles acham empresário careta, que só quer tirar dinheiro. Mas é preciso um empresário. É preciso enfrentar essas batalhas. Grupo de rock, no Brasil, em geral não quer batalhar nada, só quer curtir.

Então existe uma maneira brasileira de fazer rock?

— Existe. É a cabeça de cada um. É a bobagem de cada um, o sonho de cada um, a realidade de cada um. É isso que as pessoas têm de encontrar, e se abrir, e colocar no que fazem. Como qualquer música, aliás. É isso que me preocupa: colocar o brasileiro na coisa planetária.

— Porque existe o outro lado disso, também. E uma posição tão ruim a desse pessoal de rock que eu falei. É o pessoal que fica dizendo: rock não existe, é coisa alienada, coisa de drogado, invasão cultural estrangeira. Isso é um absurdo. Na época dos Mutantes, nego fazia abaixo assinado pra gente não tocar, porque usava guitarra e estava sujando a MPB. Hoje até o Martinho da Vila está com a sua guitarrinha.

— Eu quero mais é que haja tudo, todos os tipos de sons para as pessoas terem acesso a tudo, para gostarem ou não. Gosto é que é pessoal. Eu posso ouvir um Martinho da Vila e achar legal, é uma. Não gosto pessoalmente, mas isso é um caso meu. Eu respeito o que ele faz, ele tem o seu público, fala as suas verdades. É legal. Assim deve ser com tudo. Você poder ouvir tudo, até para não gostar. Eu gosto do Rod Stewart, e gosto de João Gilberto, que foi importantíssimo pra toda a transação, e sou macaca do Gilberto Gil, acho ele um roqueiro incrível.

— Como foi o teu processo individual? Como você chegou a esse estado de cuca e de música que você tem agora?

— Foi uma coisa lenta, que começou muito devagar depois que eu saí dos Mutantes. Não foi fácil. Afinal, tinha passado sete, oito anos tocando com eles. Eu, nos Mutantes, era uma figura de decoração. So curti os enfeites, os visuais. De vez em quando, se sobrava um buraco, eu escrevia uma letra, uma musicazinha. Mas em geral não havia espaço, e eles também não deixavam... Era muito "menina não entra, só se for de perninhas de fora".

Então eu passei um tempão descobrindo que podia compor e tocar, estudando, me aplicando mesmo, tocando junto com as pessoas, descobrindo as pessoas certas, o pessoal do Tutti, a Monica... Passei a prestar mais atenção em mim, comecei a me descobrir, a me curtir...

— Quer dizer que existe mesmo um clima diferente por você ser mulher?

— Existe. É engraçado. Por exemplo, eu gosto de tocar o meu pianinho, o meu sintetizador, violão, flauta... E claro que eu faço meus erros, deixo meus furos. Mas, porque eu sou mulher, não tem perdão. Eu tinha, de, no mínimo, tocar igual ao Rick Wakeman. Essa é uma que pinta sempre quando eu vou tirar som com outras pessoas.

E como você reage à platéia?

— Eu amo. É a coisa que mais amo no mundo. Eu dou tudo de mim, no palco. E um poder muito grande, estar com um microfone na mão falando pra cinco mil pessoas. Você pode fazer muita coisa, pode mudar muita coisa, abrir a cabeça das pessoas. É incrível. Sempre pinta, depois dos shows, quando eu estou lá exausta, uma delícia, exausta de ter dado tudo de mim, pinta sempre uma pessoa pra dizer: "Poxa, você falou das coisas que eu sempre senti, eu também sou a ovelha negra da minha família. Eu fico muito feliz. É o que dá prazer, de tudo. Eu me sinto também muito responsável por eles. Por isso é que eu tenho tanto cuidado com as letras, para ser sempre sincera, verdadeira".

"Fruto proibido", o Lp, foi um marco decisivo para você, em termos de carreira. Como está este novo álbum, o "Entradas e bandeiras"?

— Está bom. Muito bom. É um disco que a gente ouve muito, já está acabado mas a gente fica ouvindo, curtindo: Olha o que fiz aqui, ouve esse som... Assim. Isso é uma coisa ótima. No tempo dos Mutantes isso não acontecia. Eu acabava um disco e já deixava de lado. "Entradas e bandeiras" foi um disco de todo mundo, todos participaram de tudo igualmente, da composição à mixagem. Ele ficou mais pesado, e mais pensando. É o "Fruto proibido" mais adiante, melhorado, com mais cuidado. E também tem as suas ovelhas negras, canções. Eu não tenho medo de ser comercial. Eu quero ser comercial. Faz parte da transa, faz parte do rock. Os grupos de rock, aqui, têm horror em ser comerciais, acham que é baixar o nível. Eu acho que é subir de nível. É chegar às pessoas, vender. Não é pra isso que se fazem discos?

E o que é rock afinal, Rita?

— É liberdade. É prazer. É uma libertação de tudo. Por isso as pessoas reagem tanto a ele, porque ele é a desrepressão total. É não rotular nada, não definir nada, é o que você é, é a tua vida, a tua bobagem, o dinheiro também. O rock não tem que ter uma mensagem. Ele é uma mensagem em si mesmo. É não levar nada a sério porque tudo muda, nada fica a mesma coisa. É compreender isso e se divertir muito. Rock é rock.

Antes de gravar, Ataulfo já era um campeão do carnaval

JOTA EFEGE



Ataulfo Alves

Antes de Carmem Miranda conhecê-lo numa farmácia da Rua São José, onde, sem qualquer conhecimento de farmacologia, ele atendia ao balcão, pregava rótulos nas poções, nos xaropes (inclusive as clássicas etiquetas "agite antes de usar"), Ataulfo Alves da Silva já estava transando com o samba carioca. Morando no bairro do Rio Comprido, já era integrante do bloco (ou escola de samba) Fale Quem Quiser, que arregimentava gente do Morro do Querosene, da Praça Condessa de Frontin e ruas adjacentes. Ali conheceu Bide (Alcebiades Barcelos), Getúlio Marinho (Amor) e outros do mesmo naipe. Ainda não havia entrado num estúdio de gravação, nem tivera seu nome registrado na etiqueta de uma "bolacha" (disco), mas o Fale Quem Quiser cantava suas produções.

Numa entrevista concedida a 10 de janeiro de 1933 ao cronista carnavalesco K. Rapeta (Arlindo Cardoso), do Diário Carioca, Ataulfo declarou que embora tivesse feito parte, anos antes, de um bloco em Santa Alexandrina, pertencia, naquela data, ao Fale Quem Quiser. Exatamente como Getúlio Marinho, dias após (17 de fevereiro), confirmou a O Radical quando visitou esse diário. Na oportunidade, o sambista Amor informou que Ataulfo era o "mestre de harmonia e autor da maioria das músicas gostosas e bonitas" que a moçada do Fale Quem Quiser cantava nos seus ensaios e saídas. Essa declaração de um veterano, de uma figura de reconhecido prestígio no meio dos "bacharéis" do samba, tinha muita valia. Não era simples cortesia, simples "papo furado". Ataulfo deveria merecer o elogio feito.

Na entrevista concedida ao Diário Carioca, Ataulfo Alves deu pequena mostra de suas composições. Ou, no uso da terminologia própria, "deu uma pala" de seus sambas. Cantou, primeiro, "Tempo perdido" ("Mesmo derramando lágrimas/ Não posso te perdoar./ Basta o que tenho sofrido./ Todo o meu tempo perdido./ Nunca mais te quero amar..."). A seguir cantou "Sonhos" ("Sonhei/ Com tua imagem, mulher!/ Sonhar! Não é verdade, / Mas pode ser realidade/ A tua falsidade..."). Finalizando, apresentou "Já fui malandro" ("Tenho prazer em dizer: / Já fui malandro, / E me regenerei, / Por causa de uma cabrocha/ Que tenho amizade, / A malandragem deixei..."). A rápida exibição serviu, mesmo assim, para que o jornalista aquilatasse o valor do sambista que estava conhecendo naquele momento.

"Tempo perdido", que Ataulfo Alves já havia inscrito, em dezembro de 1932, num concurso para a escolha do melhor samba e da melhor marcha para o Carnaval de 1933, patrocinado pelo mesmo Diário Carioca, não obteve classificação. Saíram vitoriosos Milton Amaral, com o samba "Roda morena", e Jurandir Santos, com a marcha "Alô John", numa competição da qual participaram Lamartine Babo, Donga, Almirante, Heitor dos Prazeres e outros ases. Mas, ao ouvir "Tempo perdido" na voz do autor, Carmen Miranda gostou e o gravou. Assim, o novato Ataulfo Alves teve a chance de ver seu primeiro disco interpretado por uma cantora que se tornaria, pouco mais tarde, a "pequena notável" da música popular brasileira. Essa chance, felicíssima, facilitaria ao mestre de harmonia do Fale Quem Quiser iniciar uma carreira que, ao findar, em 1965, com sua morte, deixou um acervo de numerosos sucessos consagrados.

Na bagagem musical de Ataulfo Alves aparece em destaque o samba "Al, que saudade da Amélia". A mulher-símbolo que Ataulfo e seu parceiro Mário Lago, saudosos de sua resignação ("o que se há de fazer") evocaram, ficou como identificação do valor da obra do compositor, que veio de Miraf para triunfar na Cidade Maravilhosa. E nela deixou seu nome entre os dos que brilharam na música popular brasileira.

O modesto bloco (ou escola de samba) Fale Quem Quiser, com seus humildes sambistas do Rio Comprido e do Morro do Querosene (cujo título referendava o Deixa Falar, de sua vizinha do Estácio de Sá) foi, como se demonstrou, o berço, o início de Ataulfo Alves, uma das legítimas expressões de nosso canção popular. E a mansa, a resignada Amélia, mulher de verdade, sem valdade, aí está confirmando isso.

O Homem ainda tem um longo caminho a percorrer.
Economize gasolina.

